

O KIT DE SOBREVIVÊNCIA DE PATRÍCIA LINO: RECEPÇÃO DE UMA BRASILEIRA DO MANUAL ANTICOLONIAL PARA O PORTUGUÊS EM CRISE NO MUNDO ATUAL

Anelise de FREITAS*

LINO, Patrícia. **O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial**. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2020.

O livro *O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial*, da portuguesa Patrícia Lino, foi publicado no Brasil e em Portugal no ano de 2020. Sua primeira edição veio a público pela editora brasileira Edições Macondo no segundo ano da “Coleção” (a seleção de poesia portuguesa da editora). A escrita de Patrícia Lino insere-se além da linguagem verbal, pensando de maneira muito íntima a multimedialidade no seu processo criativo. Basta-nos uma breve revisão sobre sua produção literária para compreender que seus trabalhos incorporam outras frentes e que dificilmente poderíamos definir seus projetos no campo da literatura simplesmente como uma escrita. Ou melhor, Lino se utiliza de outras ferramentas – muitas vezes baseadas em recursos nuncupativos –, como as da linguagem musical e das artes plásticas, por exemplo.

O kit elaborado por Lino é uma série de textos injuntivo-poéticos que funcionam como manuais de uso de objetos que seriam capazes de ajudar o colonizador a lidar com o mundo anticolonial, no qual os colonizados não querem (nem aceitam) mais viver sob a tutela de seus colonizadores. Debruçando-me sobre o livro em questão, acredito que, para um leitor brasileiro, o livro seja uma espécie de redenção decolonial. Nós nos encontramos, no interior de sua escrita, com o ouro usurpado e vemos a violência promovida pela colonização convertida em linguagem. Restauramos, em alguma medida, a dignidade perdida pelo duro e longo processo colonial (que não cansa de avançar). Nós nos sentimos, de alguma forma, vingados, o que a poeta e crítica Laura Assis, em resenha anterior escrita para a revista *ADobra*, chama de revanche, ou o “ato de vingar-se de novo” (2021,

* Bolsista CAPES. Doutoranda em Estudos Literários. UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Letras – Programa de Pós-graduação em Estudos Literários. Juiz de Fora – MG – Brasil. 36036-900 – anelisedefreitas@gmail.com.

n.p.)¹. Entretanto, se para o leitor brasileiro o livro exprime algo de libertação, por outro lado, para o leitor português, o tom paródico e debochado pode significar um incômodo de impossível dissolução.

O livro, em 2021, foi escolhido como um dos 54 semifinalistas entre os 1.835 concorrentes do Prémio Oceanos e consta como “poesia brasileira”. Essa escolha, tanto como semifinalista quanto figurar entre a poesia brasileira, não parece ser arbitrária. Lino possui uma vinculação com a literatura do Brasil e com poetas contemporâneos que estão em intensa produção na atualidade. Não só como leitora dessa literatura, mas também academicamente, uma vez que é professora adjunta de literaturas e cinema luso-brasileiros na UCLA, e a paródia e o anticolonialismo formam parte de sua inserção como pesquisadora; Lino atua também no conselho editorial da Edições Macondo, que publicou seu livro no Brasil, e coedita a revista brasileira de poesia e crítica *Escamandro*. Além disso, nesse livro, utiliza-se de um tom poético que, embora exprima uma construção pessoal de sua produção literária, também converge intimamente para o poema-piada e o antilirismo brasileiro. Esse último fato, por conseguinte, corrompe uma certa poesia portuguesa difundida no mundo lusófono, que se baseia no lirismo. Apesar de também haver na literatura medieval portuguesa o tom satírico para reprochar hábitos e costumes, a poesia de Lino, principalmente neste livro, dialoga mais com o antilirismo brasileiro e com o poema-objeto do Concretismo.

Impossível não lembrar que Brasil e Portugal já se enfrentaram diversas vezes no que as redes sociais chamaram de “Guerras Memeais”. A primeira guerra se estabeleceu em 2016, quando o Brasil descobriu que, desde o ano anterior, a página portuguesa @inportugalwe havia roubado o meme brasileiro que poderia ser intitulado como “*In Brazilian portuguese we don't say...*” e o assumia como sendo um meme de autoria portuguesa. Além de subverter a língua inglesa, que recoloniza nosso vocabulário cotidianamente, com muito humor, por meio da linguagem dos memes, os brasileiros caçoaram também da ideia portuguesa de que ainda são uma grande nação que nos deu a língua portuguesa e a civilização e que ainda continuam tentando colonizar o melhor do que temos, afinal, até mesmo os nossos memes foram usurpados. Os portugueses que ainda se apegam a essa máxima ficariam felizes com a leitura do livro “Notas sobre a grandeza de Portugal que não fazem sentido para mais ninguém a não ser para os portugueses”. Uma pena que esse seja apenas mais um objeto do livro de Lino, que satiriza a grande nação lusófona que resguarda apenas 4 ou 5% dos falantes da língua portuguesa.

¹ ASSIS, L. A ferida, o riso e a revanche. **ADobra**, 2021. Disponível em: <https://medium.com/adobra/a-ferida-o-riso-e-a-revanche-df7fbf8839f0>. Acesso em: 15 nov. 2021.

Como usar as NOTAS SOBRE A GRANDEZA DE PORTUGAL QUE NÃO FAZEM SENTIDO PARA MAIS NINGUÉM A NÃO SER PARA OS PORTUGUESES

1. Leia as NOTAS em voz alta no conforto da sua casa.
2. Partilhe as NOTAS com seus amigos.
3. Memorize as suas passagens favoritas. Impressiona os seus amigos declamando algumas NOTAS.
4. Ofereça as NOTAS aos seus mais queridos em ocasiões especiais.
5. Leia e debate as NOTAS em grupo.
6. Redija um ensaio em que, com clareza e exatidão, faça notar ao seu leitor a evidente e imensa qualidade literária das NOTAS.
7. Não se ofenda se alguém de qualquer outra nacionalidade não entender a evidente e imensa qualidade literária das NOTAS. A culpa não é sua nem das NOTAS
8. Releia.

(LINO, 2020, p. 21)

A linguagem do meme, um recurso calcado na graça e na sátira, é também um dos recursos mais notáveis deste livro, cuja presença da ironia se dá como escolha de enfrentamento e posicionamento anticolonial, uma vez que Lino realiza, conforme aponta José Luiz Passos no posfácio da edição brasileira, uma “literatura verbo-visual profundamente irônica” (2020, p. 197). Há, ao menos, três aspectos que apresentam as características sarcásticas deste livro. A primeira é que a reflexão sobre o processo colonial parte justamente de uma escritora portuguesa. Essa escritora escolhe escrever um kit de sobrevivência, caracterizando o segundo ato irônico desta peça. E, por último, seu kit é endereçado ao descobridor, que, na realidade, redescobre – ou cai em si – a partir de um mundo anticolonial, ou mesmo decolonial. A esse colonizador, o posfaciador do livro chama de “descobridor de araque” e ao fenômeno, de “zona de risco” (PASSOS, 2020, p. 197).

Como exemplo dessa troça ao universo lusófono e do mal-estar causado ao colonizador, resalto o objeto “Portugalidade”:

O que é a PORTUGALIDADE

A PORTUGALIDADE é uma sensação produzida por um estímulo externo ou interno sobre um órgão sensorial e transmitida ao cérebro através do sistema nervoso.

Pode manifestar-se em qualquer ex-colônia portuguesa de modo visual, auditivo, tátil, gustativo, olfativo ou espacial.

Esta sensação, que nos aproxima uns dos outros, é, ao mesmo tempo, o que nos distingue dos restantes povos do globo.

Mais do que uma ideia e uma forma de estar civilizadora, a PORTUGALIDADE abre-se como uma promissora constelação de Estados, porque o mundo português é uma aliança de povos com um passado partilhado e um futuro em comum. Por esta razão, a necessidade justa e natural de reerguer a família das nações de fala lusa, que só por trágico acaso se desfez, é imperativa.

Só um surdo-cego poderia passar pelas ex-colônias sem perceber que aquelas são terras de almas portuguesas. (LINO, 2020, p. 156)

Um kit de sobrevivência é usado em imprevistos; ele dá condições para que seu usuário sobreviva a uma adversidade. Esta palavra é um anglicismo, o que indica igualmente outra forma de colonização que se dá também pela linguagem, uma vez que nela está contido o discurso, e nenhum discurso é vazio de intencionalidade. O kit de Lino não se propõe a cuidar, com afeto positivo, do pensamento português, que se vê afetado pela independência linguística de suas ex-colônias. Ao contrário, impõe uma crítica severa ao pensamento português e o retira do lugar de grande guardião da lusofonia. O kit coloca esse pensamento em xeque e o concretiza no lugar de eterno reconfigurador da violência colonial; abre os olhos da nação portuguesa para o fato de que a colonização, a imposição de uma língua, dá direito aos povos colonizados – principalmente à África lusófona, uma vez que o objeto “Caculusofônica”, presente no livro, “à semelhança da lusofonia ou dos estados lusófonos [...] toca unicamente música portuguesa e brasileira” (LINO, 2020, p. 166) – de fazer o que bem entenderem com essa língua, e a materializa como mais uma das nações falantes do português, não como a falante do português.

O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial coloca duas coisas em seu lugar. Primeiro, dá materialidade à teoria decolonial na construção de uma visão crítica que operacionaliza a ruptura com a colonialidade, buscando também outra linguagem que rompa com as hierarquias colonizadoras. E, em segundo lugar, consagra Patrícia Lino como uma das grandes escritoras em língua portuguesa, passando a ser requerida tanto por leitores portugueses quanto brasileiros. Talvez também por isso o Pré(ê)mio Oceanos, cujo nome é grafado entre a ortografia do português do Brasil e de Portugal, admita que uma escritora portuguesa possa fazer também poesia brasileira.

